

Para além do Atlântico

Obra redigida sob inspiração de Pai João Guiné

Carlos Fernando Canellas

Copyright © 2019 de Carlos Fernando Canellas

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro.

Primeira edição, 2019
ISBN 978-65-00-03985-6



*Para Eduardo,
meu Raio de Sol*

HISTÓRIA BASEADA EM FATOS REAIS. NOMES DE
PERSONAGENS, LOCAIS E CIRCUNSTÂNCIAS FORAM
ALTERADOS PARA PRESERVAR OS ENVOLVIDOS.

Sumário

Apresentação e Agradecimentos.....	7
Prólogo.....	8
Capítulo 1.....	9
Capítulo 2.....	29
Capítulo 3.....	43
Capítulo 4.....	64
Capítulo 5.....	75
Capítulo 6.....	101
Capítulo 7.....	128
Capítulo 8.....	148
Capítulo 9.....	172
Capítulo 10.....	194
Capítulo 11.....	214
Capítulo 12.....	233
Capítulo 13.....	261
Capítulo 14.....	297
Capítulo 15.....	318
Obras do Autor.....	338

Apresentação e Agradecimentos

Saudações, irmãs e irmãos em Oxalá!

Apresento a vocês a segunda obra inspirada, “Para além do Atlântico”. Não foi, como na primeira obra – Não Caminhamos Sozinhos (2014-2018) – uma redação fácil, mas não nos quesitos intuição e licença poética.

A grande dificuldade foi lidar como conflito entre o Historiador e o Religioso. Sim, por que há nesta obra o relato de um contato no qual a historiografia não contempla, por falta de fontes e documentos que poderiam em parte, confirmar momentos desta narrativa. Mas confesso que isso, agora, não me preocupa mais!

O contato com guias e mentores para a produção desta obra foi mais suave, mas que também me consumiu horas a fio.

Agradeço à minha corrente, à época, que de forma paciente e amorosa mantiveram-se fiel à Tenda Fraterna Cruzeiro Bendito até sua reabertura quando aberta. Filhas e filhos de santo e do meu coração, meu muito obrigado!

Também devo agradecer à minha enteada, filha de meu coração, Mel Fonseca, que muito amorosamente cedeu-me emprestado seu computador para a redação desta obra. Mel, meu muito obrigado! E que Deus e os Divinos Orixás sempre lhe abençoe!

E claro, agradeço à minha esposa que também se desdobrou, e muito, para a reabertura da Casa e mais uma vez compreendeu meu ligeiro afastamento para a produção desta obra. Augusta, por isso e muito mais que eu te amo! E muito!

Carlos Fernando Canellas

Prólogo

Vivemos uma dinâmica de intenso e constante progresso espiritual. Contudo esta dinâmica não é individual, muito menos uma via de mão única. Transcende o espaço e o tempo.

Esta narrativa que apresento a você, amiga leitora, amigo leitor, “Para além do Atlântico” irá nos revelar esta dinâmica através da trajetória do padre Anastácio, um jovem franciscano, que por motivo de fuga de uma grande injustiça, deverá romper os grilhões do preconceito e dogmatismo, para despertar sua ancestralidade e assim cumprir de forma anônima sua missão.

Esta é uma pequena parte da história do Preto Velho Pai João Guiné, um dos patronos da Tenda Fraterna Pai João Guiné e Baiano Firmino, como também do Irmão Ambrósio, mentor que também me acompanha e com quem tive a satisfação de trabalhar nas épocas de Evangelho no Lar.

Ambos atuam como emissários da Confraria dos Irmãos do Monastério da Luz Divina, cidade espiritual que já fora mencionada em “Não Caminhamos Sozinhos” obra que precede a esta.

Confesso que foi uma grande surpresa quando me foi revelado, durante a redação desta obra, sobre os fragmentos da jornada destas duas abnegadas entidades, vindo eu a me emocionar por demais em vários momentos desta redação.

Não irei mais me alongar. Desejo a você querida amiga, querido amigo, uma ótima leitura.

Carlos Fernando Canellas

Capítulo 1

Caía, sobre a embarcação em que estava ele clandestino, com raios a rasgar e iluminar o escurecido firmamento, uma tempestade torrencial, que associada as ondas, que batiam com força e violência sobre o casco, jogava todos a bordo, lançando-os de um lado para outro, como se fossem meros utensílios.

Ao timão havia dois homens grandes, fortes, com seus corpos amarrados por uma corda que lhes ligavam ao gradeado do deque. Ambos travavam uma luta homérica para manter a nau no rumo, a despeito das ondas que lhes batiam fortes e geladas. Pilotavam norteados por uma tênue luz no horizonte, um singelo sinal de salvação para aquelas almas que estavam a bordo.

No porão, compartilhado com divisas que separavam os alojamentos dos depósitos de mercadorias, a tensão vivida pelos passageiros não era menos dramática; seus corpos eram arremessados de um lado para o outro, apesar dos esforços de se manterem seguros, agarrados a qualquer coisa.

Em outro compartimento, à popa da nau, havia um depósito improvisado em alojamento, com todos os utensílios batendo uns aos outros, provocando assim um barulho irritante e ensurdecedor. Panelas, barris, sacos, ferramentas, caixas, tudo, apesar de terem sido previamente presos antes da partida da cidade de Lisboa, tornava o local, pequeno, baixo, apertado, desconfortável e rumoroso. Neste espaço diminuto, sem o mínimo de conforto e segurança que os demais ocupantes desta embarcação possuíam, estava um jovem padre, de pele branca, olhos pretos, magro, com barba e cabelos que cresciam ralos.

Encontrava-se muito magro e desnutrido e conforme era lançado contra as paredes, os vários ferimentos que possuía por todo o corpo, as pequenas fraturas nas pernas, que estavam demorando a calcificar, as pequenas perfurações e os vários

cortes, doíam-lhe mais do que doíam em Lisboa, mas, nem de longe, desejava estar na capital portuguesa novamente. Apesar da dor, do frio e da fome, que lhe consumia corpo e alma, preferia esta atual situação à anterior.

Encontrava-se muito magro e desnutrido. Conforme seu corpo era lançado, os vários ferimentos que possuía por todo o corpo, as pequenas fraturas nas pernas que estavam demorando a calcificar, pequenas perfurações, vários cortes, doíam-lhe mais do que doíam em Lisboa, mas nem de longe deseja estar na capital portuguesa novamente. Apesar da dor, do frio e da fome que lhe consumia corpo e alma, preferia esta atual situação à anterior.

Este homem, o padre Anastácio Ribeiro, que confessava na ordem dos franciscanos, portava poucos bens. Além de seu hábito, composto pela única túnica longa, capuz, corda e calças, tinha a tira colo uma bolsa e nela trazia sua bíblia. Ao pescoço trazia o TAO, símbolo dos franciscanos. Eram estas suas únicas posses.

Mas havia uma bagagem que carregava invisível aos olhos, presente em sua memória, pesado em seu coração, e que lhe rasgava o espírito.

Apesar das orações, dos jejuns, dos constantes pedidos ao Nosso Senhor Jesus Cristo e São Francisco de Assis, não conseguia ele se livrar deste incomodo peso. Chorava muito.

Franzino e fraco como estava, cansado e faminto, com frio e com medo, o jovem padre, que não passava dos vinte e cinco anos, agarrava-se onde podia quando soube, pelos gritos que conseguira ouvir, que dois membros da tripulação haviam sido lançados ao mar pelas ondas que resultaram da tempestade que caía sobre a embarcação e bondoso que era, passou também a chorar por eles, cabendo-lhe fazer o que aprendera em anos de formação religiosa. Rezou.

E o fez com tanto fervor que não soube, e nem tinha como saber por estar distante de qualquer contato com a tripulação, que uma luz apareceu ao horizonte, sendo este o referencial dos pilotos para a saída daquela tempestade.

De súbito, uma onda ainda mais forte colidiu violentamente com a embarcação, lhe acertando a bombordo. O impacto foi violento, vindo a danificar um dos mastros e a lançar o jovem padre ao chão, batendo assim com força a cabeça deixando-lhe desacordado.

Contudo, o piloto, experiente pelas diversas travessias que já realizara pelo Bojador, conseguiu, mesmo com esta avaria, encaminhar a nau para a luz que havia milagrosamente surgido ao horizonte. Não demorou muito e a embarcação já estava em águas menos agitadas.

Tripulação e passageiros que estavam no porão da embarcação saíam para correrem com os reparos que se faziam necessários, limpeza, cuidar dos feridos e contar os possíveis mortos.

A diferença conferia com a relação do capitão, ficando este satisfeito apesar das baixas, uma vez que boa parte de seus homens estavam vivos.

O imediato, porém, tentava com muito esforço disfarçar sua preocupação com o estado do padre que havia sido embarcado como um clandestino. Ninguém, além dele sabia de sua presença e que ao desembarcar deveria o padre receber uma muda de roupas e lhe ser providenciado seu sumiço na terra onde desembarcaria.

Desceu às pressas para o porão, seguiu para onde estava padre Anastácio escondido e constatou que ele estava caído, desmaiado, e com um machucado na cabeça. Mas estava respirando. Enquanto tentava reanimar o religioso, que aos poucos dava sinal de despertar levou um empurrão, que veio direto de um dos marujos e que já havia chamado ao capitão,

um homem forte, de baixa estatura, que não demorou a aparecer.

– O que se passa aqui? Posso saber?– Indagou com voz grave e agressiva.

O imediato tratou logo de levantar-se, a despeito das dores que sentia no ombro resultante do empurrão, e da forma mais direta possível, disse ao seu superior.

– Desculpe-me capitão, mas estava eu a passar pela escotilha do porão e ouvi um barulho. Desci para averiguar do que se tratava e constatei este homem aqui, largado ao chão.

Respondeu de forma firme e segura o imediato, dando-lhe a impressão que de fato o Capitão acreditara em sua história e que sabia o imediato tão e somente disto. Contudo, a resposta de seu superior apontou para caminho contrário.

– Não minta Alberto. Fui informado por este marujo que você, desde o quinto dia de viagem e até ontem à noite, trazia pão e vinho para este maltrapilho. E isto se repetiu durante estes quase dois meses. Queria eu falar contigo antes de chegarmos àquela terra esquecida por Deus, e lhe perguntou: a presença deste sujeito tem algo a ver com a busca que aqueles soldados deram em minha embarcação antes de partirmos? Dependendo de tua resposta, lanço os dois ao mar. Diga-me logo, e sem demora!

A garganta de Alberto secou-se com tanta severidade que não conseguia sequer respirar denunciando, junto à transpiração excessiva, o medo que sentia de seu Capitão que bem sabia ele, cumpria suas ameaças. Seu corpo tremia na eminência de tal destino. Não conseguia pensar. Não conseguia falar. Quando o capitão mostrou sinais de inquietação perante o silêncio de seu subalterno, ouviu-se do canto do porão a voz enfraquecida do padre.

– Senhor Capitão, não puna a ele. Puna-me. Insisti muito com seu imediato para que eu embarcasse de forma clandestina

e ele foi reticente em me negar tal pedido, informando-me de quais seriam as punições que lhe recairiam sobre as costas caso eu fosse descoberto. Como todos os meus apelos foram negados vi-me obrigado a embarcar escondido. Fui flagrado depois do quinto dia de viagem, como bem sabe o senhor. Por caridade, acabou por me alimentar. Por favor, peço-te, mais uma vez, não puna a ele. Puna-me.

O capitão olhou atentamente para o desconhecido e quando iria ordenar que atirassem os dois ao mar, do tombadilho ouviu-se uma intensa gritaria.

– Acudam! Acudam! Homem ao mar! Homem ao mar! – Imediatamente todos subiram e constatarem perplexos de que se tratava de um dos marujos que havia sido tragado pelas ondas formadas pela tempestade. Içaram-no para dentro da embarcação e tentaram de todas as formas reanimá-lo, sem sucesso algum, vindo o capitão a ordenar que o lançasse novamente ao mar e em seguida o imediato e o clandestino.

Porém, eis que surge padre Anastácio, prostrando-se de joelhos ao chão, ao lado do homem desmaiado, estendendo seu braço esquerdo em sua direção e o direito em direção aos céus. Rezou um Pai Nosso, uma Ave Maria. Clamou à Jesus Cristo e aos Divinos Santos. Fez na frente do tal homem o sinal da cruz, e para perplexidade de todos o homem abriu os olhos, regurgitou a água que havia engolido e em seguida, com certa dificuldade, veio a sentar-se.

O Capitão, que até então não havia inferido se tratar o tal maltrapilho de um padre, devido a precariedade de suas vestes, e que era tão rude quanto religioso, de tão maravilhado que ficara com o milagre, veio a cancelar a ordem dada de lançar os dois ao mar – e ainda quero que seja providenciado a este honrado padre, fiel servidor de Nosso Senhor Jesus Cristo, um alojamento descente, como também comida e água – e assim se fez.

Logo os marujos, como sinal de agradecimento pelo salvamento de um companheiro de velas, trataram de cumprir as ordens dadas pelo capitão.

Padre Anastácio pode finalmente deitar descentemente, mas não o conseguiu por muito tempo. Até o final desta viagem rezaria ainda três escorbutados, curando-os desta horrenda enfermidade, e ainda daria duas extremas-unções.

Dois dias mais tarde se fez ouvir em alto em bom som o anúncio de avistamento de terra, deduziu assim o padre de que finalmente chegava ao seu destino. Dirigiu-se até o parapeito da embarcação e vislumbrou um amontoado e gigantesco paredão verde que surgia lentamente ao horizonte e conforme a embarcação se aproximava, apurou o padre da exuberância da natureza que lhe era revelada.

O firmamento era de um azul como ele nunca havia visto antes. O sol veio-lhe quente ao seu rosto, sendo refrescado pela brisa provocada pelo deslocamento da embarcação que singrava em direção a singela praia à frente. Observou pássaros que lhe tiraram o fôlego, pela variedade de tamanhos e cores a voarem sobre a nau. Ouvia atentamente o som da água a bater contra a embarcação que concorria com o agitado murmúrio de homens a subir e a descer.

Ainda sentia muitas dores em decorrência das torturas que sofrera em Lisboa. Neste instante, veio a lembrar da visita que recebera, na noite da véspera de sua execução, do Anjo que lhe acompanhava a vida inteira, e da palavra de conforto e encorajamento que lhe proferiu:

– Tenha Fé! Serás liberto ainda hoje e enviado para uma terra longínqua. Tenha Fé! – Perdido em seus pensamentos, e suspirando de alívio por mais uma vez o Senhor permitir que o Anjo viesse a interceder a seu favor, fora de subido interrompido com a chegada do imediato, vindo este a parar ao seu lado.

– Então esta é a terra esquecida por Deus? Esta é aquela terra a quem chamam de Brasil? – Perguntou o padre. O imediato olhou-o e puxando o ar, mostrando sinal de alívio pela chegada, respondeu:

– Sim padre Anastácio! Este é o Brasil! E aquela é a Capitania de São Vicente, fundada por Martim Afonso de Souza – o imediato fez uma pequena pausa e continuou:

– Tivemos sorte de aqueles soldados adentrarem ao navio antes de você embarcar e não lhe encontrarem. Se o tivessem visto seria nosso fim! – Exclamou.

Nova pausa se fez enquanto Padre Anastácio olhava fixamente ao destino que lhe aguardava. O imediato continuou:

– Aquele marujo que você salvou e os escorbutados que você curou. Como fez aquilo? – Questionou Alberto. Padre Anastácio olhou para o imediato e disse:

– Segui meu coração e orei ao Criador. Somente isso – a resposta arrancou um pequeno sorriso do imediato que não conseguia entender como aquele homem desnutrido, maltrapilho, empobrecido, que havia salvado com suas orações, um marujo, curou mais três e ainda tinha feito três extremas-unções, poderia ser uma ameaça a alguém. Meio sem graça coçou a cabeça e disse:

– Confesso que não sou homem muito religioso e seja como for, você acabou por cair nas graças do capitão. Agradeço por ter salvado aquele homem afogado. É meu amigo há anos – disse e ainda mostrando um pouco de desconfiança de tudo e continuou:

– Na verdade, padre Anastácio, não sei ao certo quem é você e não sei o que meu compadre tinha na cabeça para lhe ajudar a fugir. E eu não sei o que me deu para ajudá-los. Ele se arriscou por demais; e eu também. Então, por favor, assim que desembarcar cumpra com o combinado e honre a ajuda que recebestes. Suma, suma para sempre!– Disse Alberto, sem